

Na cidade que é toda potencial e própria para o exercício e o experimento, os Galpões da 508 Sul eram os únicos espaços.

# Dos gabinetes para os Galpões da 508

A Secretaria de Cultura lança campanha para tentar salvar um espaço

A Secretaria de Cultura do DF colocou, nas ruas e bares da cidade, campanha de arrecadação de fundos para a recuperação e revitalização do Espaço Cultural da 508 Sul. Em folheto bem impresso, a instituição avisa aos interessados em participar do projeto, que foi aberta conta na agência central do Banco do Brasil (de número 190.739-5) para depósitos de empresas públicas e privadas que queiram ajudar na "reconstrução de espaço cuja história se confunde com a própria história cultural de Brasília".

A secretária de Cultura, Laís Aderne, sabe bem do que está falando. Afinal, ela comandou o grupo Alfa La Vaca, que, em 1975, inaugurou o conjunto cultural da 508 Sul, com a peça "O Homem Que Enganou o Diabo e Ainda Pediu Troco". Naquela época, o embaixador Wladimir Murinho era secretário de Educação e Cultura. Assustado com a reforma do Teatro Nacional, que não se concluiu, ele buscou apoio da Unesco (órgão da ONU para assuntos culturais, educacionais e científicos) e implantou, num velho galpão da Terracap, os teatros Galpão e Galpãozinho, o Centro de Criatividade e a Galeria C. Estes novos espaços se agregaram à sede da Fundação Cultural e às galerias "A" e "B", que já funcionavam a todo vapor. Somados à Escola Parque da 507 Sul e ao Cine Cultura, que ainda funcionava, os novos teatros, galerias e oficinas de arte transformaram-se no mais vivo e dinâmico espaço cultural da cidade. Nem com a inauguração definitiva do Teatro Nacional, em 1979, a 508 Sul perdeu seu vigor.

## Deterioração

Só que, com o passar dos anos, a obra, resultado de reformas interiores no galpão da Terracap, começou a apresentar sérios problemas nos sistemas elétrico e hidráulico. Muitos artistas levaram choques nos camarins. As goteiras se tornaram tão frequentes que, um dia, o ator e diretor J. Pingo, mostrou uma função da peça "O Sapo Tarobequê", do amazonense Márcio de Souza, sob um dilúvio quase amazônico. O espetáculo tomou ares tão naturalistas, que sua proposta ecológica parecia ter acrescentado as goteiras ao cenário.

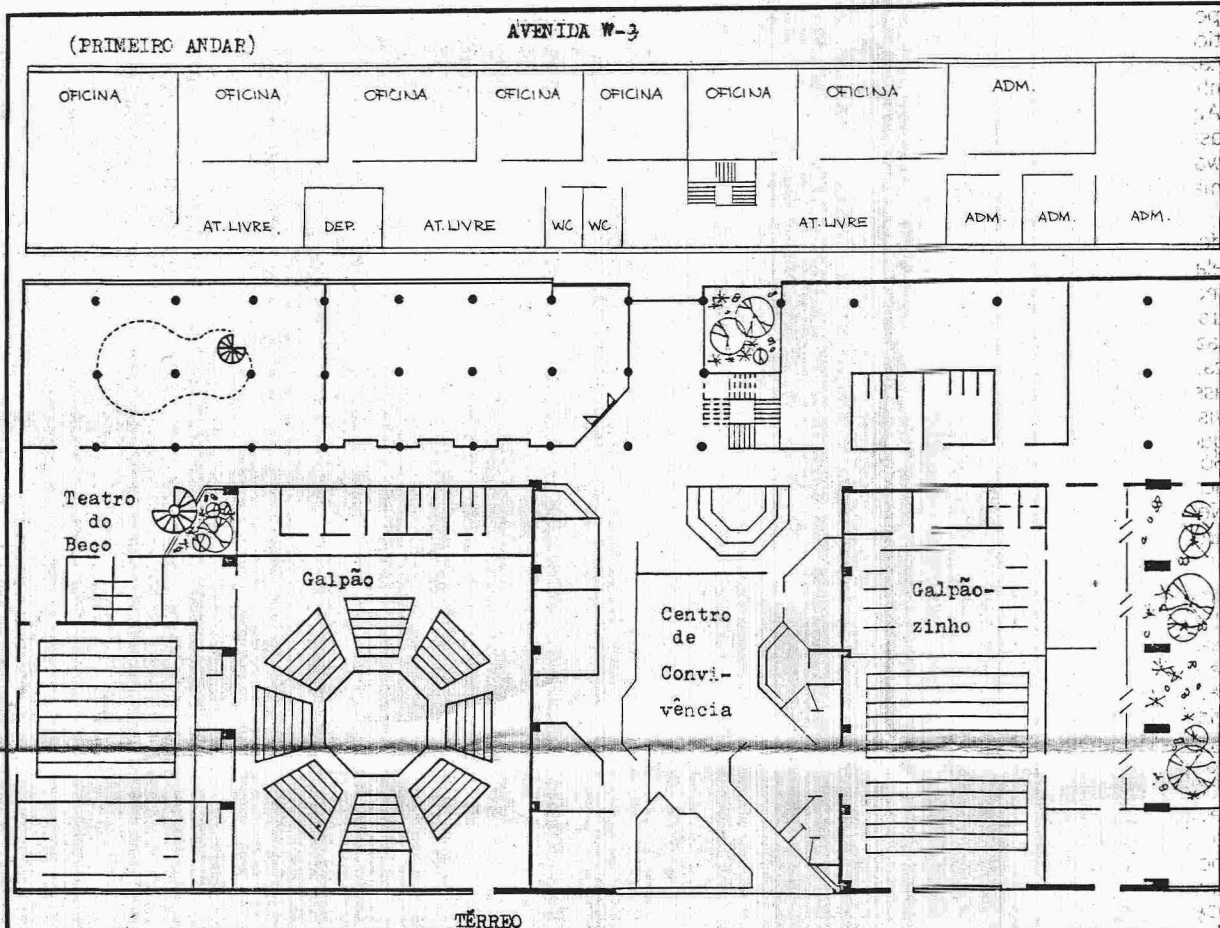
Para resolver tais problemas — e outros, de natureza política, já que administrações anteriores da Fundação Cultural interromperam vários projetos, em especial no Centro de Criatividade — a Secretaria de Cultura do DF assumiu o espaço e partiu para sua recuperação e revitalização. Só que faltam apenas três meses para a nova mudança de governo. Ganhando Collor ou Lula, haverá mudança. Afinal, em março próximo, será indicado governador-tampão (para o prazo de um ano). Este governador indicará secretário que julgar o espaço da 508 Sul prioritário?

Wagner Barja, 37 anos, assessor de marketing da Secretaria de Cultura, garante que "o projeto foi pensado de forma a não ter solução de continuidade".

— A conta que abrimos no Banco do Brasil receberá doações de empresários e demais interessados. E estes recursos só poderão ser gastos na recuperação do Espaço da 508 Sul. Por isto, acreditamos que as próximas gestões da Secretaria de Cultura e Fundação Cultural irão dar sequência ao nosso trabalho.

Wagner lembra que "a definição de prioridades é feita pela comunidade brasiliense e não pelos gabinetes". E mais: "Todos sabem que os artistas de Brasília têm amor enorme pelos teatros, galerias e oficinas da 508 Sul. Por isto, creio que nenhum administrador cultural terá coragem de interromper o nosso projeto de recuperação e revitalização da 508 Sul".

Outro argumento lembrado por Wagner diz respeito à importância histórica da área: "O projeto de recu-



O projeto é mais do que urgente, mesmo no apagar das luzes

peração da 508 Sul foi feito pelo Departamento de Arquitetura e Engenharia do Patrimônio Histórico e Artístico do DF. Depois de longo e detalhado estudo, os técnicos do Patrimônio Histórico se mostraram contrários à derrubada do que está edificado no local, pois trata-se de um espaço que compõe a memória histórica e afetiva da cidade. Por isto deve ser preservado".

A fachada dos teatros, em madeira colorida, deverá ser mantida. Nos interiores, porém, se processarão algumas mudanças. O Teatro Galpão, com palco em arena, será mantido. Um novo teatrino nascerá com o nome de Teatro do Beco. Entre o Galpão e o Galpãozinho será implantado um centro de convivência, com lanchonetes e áreas de bate-papos. Outros acréscimos: lojinhas para amostragem e venda de objetos produzidos por alunos do Centro de Criatividade (que terá suas oficinas funcionando no primeiro andar) e uma sala de cenotécnica e cenografia.

"No novo projeto arquitetônico", garante Wagner, "previu-se isolamento acústico, para que as atividades de um teatro não atrapalhem as do outro, caso haja funções simultâneas".

Em valores previstos em outubro último, seriam necessários 12 milhões de cruzados para a recuperação dos espaços culturais da 508 Sul. O assessor de marketing da Secretaria



ria de Cultura prevê, em seu projeto, a divisão desta quantia (com valores corrigidos) em cinco quotas.

"Cada patrocinador", explica, "se adquirir uma quota, estará colaborando para a recuperação de um dos mais tradicionais espaços culturais da cidade". E mais: "O governo, para dar o exemplo, depositará, através de doações do IPC (Instituto de Promoção Cultural), da SEAC (Secre-

taria Especial de Ação Comunitária), do Projeto Cem Anos da República e de cinco por cento da bilheteria dos espetáculos mostrados em próprios da Fundação Cultural (desde outubro, e até março, que tal medida, aprovada pelo Conselho Deliberativo, está em processo), uma quantia pequena, mas significativa. Agora, estamos aguardando o apoio financeiro dos empresários privados".  
**Maria do Rosário Caetano**

## A prioridade que virou farsa

O Centro de Criatividade (o que determina os conjuntos de galpões) nasceu para o trabalho com o potencial da cidade. Esta opção deveria ser a prioridade de uma política cultural. Esta opção deveria ser o primeiro requisito (depois seria a criação do malfadado Conselho de Cultura) após a posse da atual gestão, recomendado por um documento que deveria nortear as diretrizes básicas para a cidade. Nada disso aconteceu. Os mais nobres sentimentos foram adulterados e se desgastaram pelo caminho. De boa intenção o inferno está cheio. A cidade perplexa. Imobilizada. Sem espaço para experimentar, sem perspectivas para o

exercício transformador. Brasília virou uma cidade-platéia. O único ponto que deveria ter sido reativado vem agora, tardio, no apagar das luzes, parecendo o "último suspiro": manobra para entrar em "relatório final de governo". Quem poderia ir contra uma campanha para devolver o "coração" da cidade? Claro, ninguém! Mas quem consegue conter a indignação por tamanha displicência em se deixar a "usina" para o finzinho? Parece consciência culpada. Parece a tragédia de abortar uma cidade inteira. Por mais que se tenha milhares de justificativas para o "tormento administrativo" em que, mais uma vez, Secretaria de Cultura e Fundação Cultu-

ral se devoram. Se a comunidade mais uma vez é solicitada para contribuir, pois bem. Ela só é lembrada na agonia. A situação de "não existir verba oficial" para uma prioridade absoluta (redundância casta) merecia (se é que a cidade merece) uma explicação para o fato de estar se fazendo (?) por último um dos primeiros pontos recomendados pelo inútil Grupo de Trabalho (reunido por mais de quatro meses pensando que "havia chegado a hora" etc e tal). Cada cidade tem a decepção que merece. A nossa "Nova República" cultural foi este plano cruzado dos discursos articulados, as intenções ótimas e a prática falida.